

Paris, Igreja de Sainte-Rosalie
25 Setembro 2010

**Quinquagésimo aniversário
do apelo a voluntários por parte do Padre Caffarel**

A intercessão

Padre Paul-Dominique Marcovits, o.p.

«Estou preocupado com o alimento espiritual das nossas Equipas. Penso que na hora actual ele precisa de um suplemento de oração. De facto, a solidez, a vitalidade, o poder da expansão, alimentam-se de oração, tanto no que diz respeito ao Movimento como às pessoas. Por isso, lanço um urgente apelo a voluntários: a minha ambição é que todas as noites, sem interrupção, entre a meia-noite e as seis horas, haja casais que se revezem em oração. Proponho que estes voluntários se comprometam a fazer uma hora de oração nocturna uma vez por mês, marido e mulher juntos sempre que possível. Estou convencido de que o Movimento tem necessidade disso e tirará daí um enorme benefício». Conhecemos de cor estas palavras: «Pedem-se voluntários», editorial do Padre Caffarel para a Carta Mensal das Equipas de Nossa Senhora de Março de 1960, há cinquenta anos.

Os «intercessores» — título dado por Marie e Louis d’Amonville — estão há cinquenta anos ao serviço da vitalidade das Equipas: eles são como que o seu centro escondido, para que a graça de Deus se difunda na vida dos casais e, de forma alargada, na Igreja e no mundo. Os intercessores estão, pois, ao serviço dos casais, vivendo da graça baptismal alimentada pelos sacramentos da confirmação e, sobretudo, da eucaristia... Graça baptismal restaurada pelos sacramentos da cura, o sacramento do perdão e o dos doentes... Graça baptismal, afinal, especificada tanto pelo sacramento da ordem como pelo sacramento do matrimónio, esses dois sacramentos ao serviço da comunhão na Igreja, sacramentos “sociais” porque ordenados ao serviço da salvação dos outros. Os intercessores estão, pois, ao serviço da vitalidade espiritual das Equipas, da vitalidade que se exprime sobretudo pela vida sacramental, visto que somos equipas de casais casados e de padres conselheiros espirituais. Essa vitalidade desenvolve-se no tempo. Para os casais, há o tempo do casamento, depois o tempo da viuvez ou tempo da espera e, finalmente, o tempo da eternidade, tempo da realização do amor. Os intercessores acompanham todo este desenvolvimento da vida cristã dos esposos. É essa a sua missão, missão que se alarga progressivamente à vida de todos os homens e de todas as mulheres do mundo. Deus abre sempre o coração dos seus filhos à dimensão do seu amor.

Três partes: a estrutura trinitária da intercessão; o objecto do pedido; a intercessão em comunhão com todos os santos.

I. A estrutura trinitária da intercessão

1. Jesus é o único intercessor. Elevado aos céus, agora sentado à direita de Deus, Ele é o «nosso defensor junto do Pai» (Prefácio da Páscoa): «Ele pode salvar de um modo definitivo os que, por meio d'Ele, se aproximam de Deus, pois Ele está vivo para sempre, a fim de interceder por eles» (Hebreus 7,25). Assumiu a nossa humanidade e fê-la aproximar de Deus. Na verdade, não é o primeiro intercessor: está na continuidade de Abraão, que intercede por Sodoma e Gomorra, na continuidade de Moisés, que intercede pelo povo de dura cerviz, na de David ou dos profetas como Ezequiel ... «Procurei entre eles alguém que levantasse um muro e se colocasse diante de Mim para defender o país e impedir que fosse destruído; mas não encontrei ninguém...» (22,30). Grandeza e pobreza dos Intercessores! Jesus assumiu toda a nossa humanidade, a dos pecadores e dos santos. Nas pegadas dos grandes orantes, mas mais do que eles e de forma definitiva, Jesus, junto do Pai, intercede por nós: pelo «parentesco entre as duas partes» (expressão de Santo Ireneu), totalmente Deus e totalmente homem, Jesus assume todas as nossas intercessões e apresenta-as ao Pai. Ele é o único intercessor, o único mediador entre Deus e os homens.

2. Jesus não se limita a assumir a nossa oração e apresentar a Deus os nossos pedidos. Ele quer que intercedamos «em seu nome». «Até agora não pedistes nada em meu nome; pedi e recebereis. Assim, a vossa alegria será completa» (João 16,24). «Em seu nome», ou seja, que nos ponhamos no seu lugar. Agora podemos falar directamente a Deus e dizer «Pai Nosso». A nossa oração é a de Cristo, e a de Cristo é a nossa. É o resultado da encarnação: Jesus reza em nós e nós n'Ele: Deus é verdadeiramente nosso Pai. Por conseguinte, «em seu nome» quer dizer que entramos no desejo de Cristo. Rezando n'Ele, somos levados a querer o que Ele quer. E que é que Ele quer? «Que todos sejam um só» (João 17,21). Jesus quer a felicidade de todos os homens, e a felicidade é viver em Deus, Deus fonte do amor e da liberdade. Ter «acesso ao Pai», para retomar a bela expressão de São Paulo (Efésios 2,18) é o cume da alegria, «alegria completa!». «Em seu nome», esta expressão de Jesus mostra o objectivo de toda a vida cristã: rezar leva a descobrir o cume de toda a revelação: «É o próprio Pai que vos ama» (João 16,27). Tudo está dito: a vida de cada pessoa pode construir-se nesta terra no equilíbrio e na paz e atravessar as lutas, as horas difíceis, sobretudo entrar na eternidade de Deus: «É o próprio Pai que vos ama», a eternidade não é demasiada para tomarmos consciência disso e nos alegrarmos.

3. Somos levados pelo Espírito Santo. Jesus é o único intercessor; introduz-nos na sua oração para salvação do mundo... Nada seria possível sem o Espírito Santo. O Espírito «imprime», termo tradicional dos Padres da Igreja e muitas vezes retomada pelo beato cardeal J.-H. Newman, o Espírito Santo «imprime», como um selo, a vida de Cristo em nós. Tornamo-nos cristãos... vivendo de Cristo. O Espírito não vem para tomar o lugar de Jesus elevado aos céus e sentado à direita do Pai; pelo contrário, vem para que o Senhor Jesus possa encontrar o seu lugar em nós e nós n'Ele. «O Espírito Santo dá testemunho ao nosso espírito», diz São Paulo (Romanos 8,16). Nós entramos na própria vida de Deus. Entramos na circulação de amor do Pai para o Filho, do Filho para o Pai na comunhão do Espírito Santo. O Pai que ama o Filho ama-nos e alegra-Se por pôr em nós o seu amor. O Filho que tudo assumiu por amor por nós impele-nos, pela sua morte e ressurreição, para o Pai. O Espírito Santo envolve todo este mistério no dinamismo do seu amor, da sua vida, da sua alegria. Assim, a alegria de Deus é fazer a sua morada em nós. Intercessores, somos antes de mais baptizados «em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo», vivemos em Deus, no coração do amor de Deus... nós, pobres pecadores! Intercessores, não temos senão uma urgência, que vem da misericórdia recebida: que todos recebam o amor de Deus, que saibam

que são esperados por Deus! Esta urgência, este desejo, este zelo missionário, são os frutos que o Espírito Santo derramou sobre o universo.

II. O objecto do pedido

1. Não há limites a pôr aos nossos pedidos. Tudo pode ser pedido: passar num exame... Encontrar lugar para estacionar o carro no centro da cidade... Ver a cura de um ente querido... ou o nosso país encontrar a paz... Encontrar um papel perdido... Tudo pode ser importante! Deus não se interessa apenas pelas grandes coisas da vida, interessa-se também pelos pormenores! Porquê? Porque nos ama! Quando amamos uma pessoa, tudo o que lhe diz respeito afecta-nos ... Não há que fazer triagem. Uma vez que o Senhor nos ama, podemos falar-Lhe de tudo. A intercessão não vai buscar a sua força ao que é pedido mas ao facto de Deus nos amar e de nós O amarmos. Por amor, tudo se pode pedir.

2. Não se deve «pedir com demasiada timidez nem hesitação». Esta expressão é do grande santo inglês Thomas More, chanceler de Henrique VIII, que morreu mártir por fidelidade ao papa: a filha pede-lhe dinheiro... «Pedes com demasiada timidez e hesitação...». Ele dá-lhe exactamente o que ela pede. «Teria mesmo juntado alguma coisa; mas, se gosto de dar, também gosto muito mais que a minha querida filha me peça delicadamente, como ela sabe fazer. Por isso, despacha-te a gastar este dinheiro — tenho a certeza de que o empregará bem. Quanto mais depressa voltares à carga mais eu ficarei contente». O Padre Caffarel cita esta magnífica carta (*Na presença de Deus, Cem cartas sobre a oração*, Lucerna, Cascais, 2008, p. 43) para ilustrar a alegria que damos a Deus quando intercedemos junto d'Ele. A atitude do intercessor é, pois, aquela de que é excluída toda a timidez e toda a hesitação: pedir com fé! «Se acreditardes...».

3. Haverá pedidos específicos para os Intercessores das Equipas? Há um pedido que devem fazer todos os cristãos que intercedem pelo mundo junto de Deus: «ser habitado por Ti, Senhor», tornar-se presença de Deus para o mundo... Não se trata de uma presença aparatosa... Com Deus, tudo se passa na discrição. Invisivelmente — mas o que é invisível ao homem é a própria realidade de Deus — invisivelmente, tornamo-nos fonte de luz... Pecadores somos todos e conhecemos as nossas lutas, os nossos fracassos, as nossas reparações... Mas Deus fez-Se homem e habita agora em nós. Ele quer brilhar na terra por nós, através de nós. O primeiro pedido será: Senhor, sê tudo em mim! Mas isso não é tudo. Intercessores no seio das Equipas, rezamos pelos casais, pelos das equipas e pelos do mundo inteiro. «Que os padres e os casais sejam fiéis...». É esta a razão de ser dos Intercessores tal como o Padre Caffarel os imaginou. Seria necessário aplicar a cada um de nós o que ele conta a respeito de um santo homem hindu: «A sua presença de leão afastava das nossas portas o lobo da infelicidade (*Na presença de Deus*, p. 141-142). Interceder: tornar-se presença de Deus, pela nossa oração afastar das famílias a infelicidade... Interceder: «Que os teus filhos em todo o mundo descubram a felicidade que dás e vivam no respeito, na dignidade, na alegria e na paz». Toda a oração torna-se sempre oração universal.

III. Na comunhão dos santos

1. Um intercessor, um casal que intercede, de dia ou de noite... nunca está só. Paul Claudel dizia: «Vejo à volta do altar todos os santos com as suas auréolas que se

entrechocam». No silêncio e na solidão, todos os santos estão presentes e rezam, intercedem connosco. Nós intercedemos para pedir que se faça a vontade de Deus... Os santos juntam-se a nós nesta oração, inspirada pelo Espírito Santo e levada ao Pai pelo Filho. Toda a oração é uma entrada na vida trinitária, mas também no grande movimento de súplica da Igreja do céu e da terra. Nós realizamos a nossa missão de Intercessor, animados pelos santos... Nós estamos no meio deles. No meio deles como no meio dos nossos irmãos e das nossas irmãs deste mundo. «No meio», esta simples expressão é muito eloquente: não estamos acima dos outros, intercessores orgulhosos e condescendentes; não estamos abaixo dos outros, esmagados pelas nossas culpas; nem ao lado dos outros por uma oração que ignora a sua vida... Não, estamos no meio dos homens. Sustentamo-los, compreendemo-los, amamo-los... Somos irmãos. Ao dizer que «todas as gerações me hão-de chamar bem-aventurada...», Maria diz: no meio dos homens recebo o Filho de Deus e dou-O!

2. Um intercessor é alguém que vela, a intercessão é uma espera. Espera pela resposta de Deus, pela sua escuta, pela sua presença. Esperar é parte constitutiva da intercessão: a fé está em vigília, procura discernir nas pessoas ou nos acontecimentos a acção de Deus, a sua vontade, o seu amor. Discernimento que vem depois de uma longa paciência, de uma penosa travessia do deserto. Os profetas estão sempre em atitude de espera. Olham na fé: o senhor mostra àquele que acredita. Na Igreja, os monges, os consagrados são eminentemente pessoas em atitude de espera pelo Reino de Deus, em atitude de espera pela felicidade dos homens... Na Igreja, de outra forma, os viúvos e as viúvas têm também o encargo da espera: foram casados e vivem como que «um tempo intermédio», a esperança da realização do amor com o seu cônjuge, na eternidade do céu; esperam «permanecer em Deus», fonte do amor. Por isso, os viúvos e as viúvas podem rezar de maneira particular nas Equipas pelos casais, porque sabem — pela ausência do cônjuge — que o caminho do matrimónio conduz à presença de Deus. A sua intercessão consiste em pedir a realização da encarnação do amor de Deus nos casais até à plenitude da Vida. A comunhão dos santos é fonte de esperança. Nós estamos em atitude de espera... Senhor, não tardes!

3. Para os intercessores das Equipas, há uma harmonia entre a intercessão, o jejum e a oferta da sua vida quotidiana. O jejum coloca-nos perante o essencial; a oferta de si dá um sentido a toda a vida. Mais uma vez, estamos ligados uns aos outros, vivemos uns para os outros: jejuamos, oferecemo-nos para a glória de Deus e a salvação do mundo... Intercedemos, e compreendemos imediatamente que o jejum e a oferta de nós próprios são necessários para ele, para ela, para que certo casal reencontre a paz, para que os pobres sejam respeitados... Jejum e oferta são expressões de uma caridade concreta para com pessoas concretas.

Cinquenta anos de fidelidade! Cinquenta anos de graças recebidas e dadas! Graças ao Padre Caffarel, cujo apelo de Março de 1960 foi ouvido... Obrigado a ele! Obrigado aos Intercessores! No céu é que havemos de descobrir quanto lhes devemos. As Equipas de Nossa Senhora não seriam o que são se não houvesse, no meio delas, a fonte da oração.